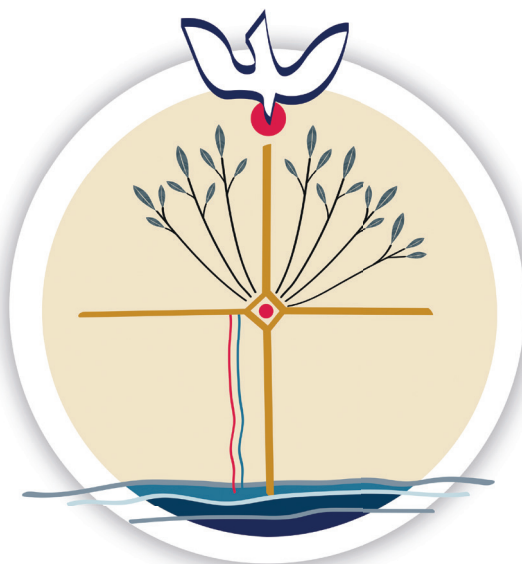




CAPÍTULO 1



INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ (IVC) UM CAMINHO A SEGUIR





1. Anunciar Jesus Cristo, “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6) é o centro da catequese de inspiração catecumenal e o compromisso principal da missão evangelizadora da Igreja. Esse primeiro anúncio deve proporcionar o encontro pessoal com Jesus Cristo. Logo, “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (DCE, n. 1).

2. Jesus é, por excelência, o único caminho que nos leva ao Pai. Por Ele vem a verdade da Revelação e a vida, que é seu resultado. Por meio de Jesus, caminhamos rumo ao Pai. Esse é um caminho autêntico, verdadeiro e vital, ou seja, verdade e vida em caminho. Sendo assim, a catequese de inspiração catecumenal busca apresentar um itinerário que possibilite esse verdadeiro encontro pessoal, íntimo e profundo com Jesus, capaz de marcar a vida da pessoa para sempre, porque inaugura uma relação com ele e um caminho a ser percorrido nessa relação.

3. O cristianismo nascente foi chamado de “o caminho” (At 9,2). Esse termo era usado, também, para se referir aos “cristãos”. Isso demonstrava que a concepção primitiva da fé cristã é “mais do que uma série de proposições de ensinamentos ou de um código de princípios morais, mas era a vontade revelada de Deus, que opera na história mediante Jesus Cristo e guia da vida humana”¹. Nessa perspectiva, todos são chamados a caminhar por primeiro neste Caminho, que é Cristo, para levar os demais a conhecer a beleza do Evangelho que dá a vida.

4. Por isso, desejamos uma catequese autêntica, evangelizadora e mistagógica. Para garantir esse itinerário, a Igreja no Brasil, há muitos anos, tem-se esforçado generosamente para colaborar com esse caminho catequético por meio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Nos últimos anos, alcançou-se um consenso de comunhão eclesial para toda a Igreja no Brasil: a proposta do itinerário da vida cristã, de inspiração catecumenal. Com isso, a Arquidiocese de Goiânia, em assembleia com representantes de todas as comunidades paroquiais, votou e assumiu a IVC como metodologia padrão para a catequese.

¹ MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983, p. 138.

5. A dinâmica do caminho mostra-nos que “o revelar-se de Deus na história, para entrar em relação de diálogo de amor com o homem, dá um novo sentido a todo o caminho humano. A história não é um simples suceder-se de séculos, de anos e de dias, mas é o tempo de uma presença que lhe confere pleno significado, abrindo-a a uma esperança sólida”².

6. A fé como caminhada exige um processo contínuo. Ela é o ponto de partida que nasce do encontro pessoal com Jesus e deve percorrer toda a história de vida da pessoa, cuja meta é a vida eterna. A fé não se resume apenas a uma mera adesão intelectual, mas deve envolver a pessoa em todas as dimensões, de forma a configurá-la constantemente ao modo de viver de Jesus: “tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus” (Fl 2,5).

7. A fé, que é a abertura confiante à iniciativa de Deus revelada em Jesus Cristo, um Deus que se faz próximo, como nos exorta o Papa Francisco, deve necessariamente sobrepor-se à angústia e ao medo. Dessa forma, a experiência da vida cristã exige uma pedagogia que proporcione um encontro vivo e eficaz com Cristo, de maneira a conduzir o indivíduo a uma nova vida. Assim, ele se torna membro do seu corpo, a Igreja, ao descobrir Cristo como cabeça, aquele que edifica e sustenta seu corpo na unidade pelo Espírito.

8. A imagem do caminho longo e difícil que Israel percorreu, ao atender ao apelo de Deus, e por apoiar-se Nele pela fé para chegar à Terra Prometida, fazia parte da simbologia do Êxodo (Dt 1, 30-33). Esse Deus-caminheiro guiou o seu povo para uma travessia: da escravidão para a libertação; da morte para a vida; da carestia para a terra prometida. Agora, em Jesus, essa imagem persiste, mas transforma-se, pois Ele inaugura uma nova maneira de caminhar segundo Deus e ao encontro de Deus: “Se alguém quiser me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8,34).

9. Tomé interrogou Jesus: “como podemos saber o caminho?” (Jo 14, 4). O apóstolo ainda se encontrava em uma perspectiva messiânica veterotestamentária, esperando um Messias político e triunfalista que esta-

² BENTO XVI. Audiência Geral. As etapas da Revelação. 12 de dezembro de 2012. Acessado em: 03/02/2025. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121212.html

belecesse um reinado terreno, baseado nas coisas deste mundo. Jesus, porém, quis mostrar que o seu Reino não era daqui. Ele veio da parte do Pai para implantar o Reino de Deus, por isso se fez caminho. Queremos uma catequese que ofereça o caminho para o Reino dos Céus.

10. Jesus não é apenas caminho na medida em que, por seu ensinamento, conduz à vida; Ele é “o caminho” que conduz ao Pai, na medida em que ele próprio é verdade e vida. Jesus é a verdade porque, enquanto Filho encarnado, é expressão perfeita do Pai para todas as pessoas. Assim, manifesta o Pai tanto por suas obras quanto por palavras; de maneira a introduzir aqueles que abraçam a fé na comunhão do Pai, no qual se encontra a plenitude da vida verdadeira. A verdade não é um conjunto de doutrinas, mas é uma pessoa, Jesus. A doutrina somente pode derivar dessa relação com a pessoa de Jesus, com o Pai no Espírito Santo.

11. No evangelho segundo João, essa plenitude não se situa apenas no fim dos tempos (escatologia), mas ela já acontece agora, no tempo da Igreja – é o “já” e o “ainda não”. Em Cristo, o “já” da promessa é realidade concreta e real, presente, não apenas uma espera, sendo possível experimentar os frutos plausíveis da salvação final. Essa tensão carrega, no entanto, ao mesmo tempo, um “ainda não”, pois esse “já” está inserido numa esperança, a plenitude da salvação final. Somos verdadeiramente filhos de Deus, mas vivemos como peregrinos na esperança de sermos convidados ao banquete de núpcias e sermos eleitos (cf. LG, n. 48). Queremos uma catequese que possibilite aos catequizandos experimentar esse “já” e o “ainda não”. Pela eficácia dos Sacramentos, essa experiência já pode ser vivida, pois quem participa dos Sacramentos recebe antecipadamente as graças futuras.

12. Quando Jesus se apresenta como “caminho” faz-nos refletir sobre a vida cristã, que é um caminho iniciado com o batismo e cuja meta é a vida eterna no Reino do Céus. “Pode-se dizer que a vida cristã ‘é uma estrada e a estrada justa é Jesus’. Tanto que ele mesmo disse: Eu sou o caminho. Por conseguinte, para caminhar bem na vida cristã a estrada é Jesus”³. Nossa catequese de Iniciação à Vida Cristã precisa ser dinâmica, a caminho, menos teórica e mais experiencial.

³ FRANCISCO. A caminho. 3 de maio de 2016. Acessado em : 03/02/2025. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160503_a-caminho.html

13. O apóstolo Filipe pede a Jesus: “Senhor, mostra-nos o Pai, e isto nos basta” (Jo 14, 8). Nesse pedido, Filipe exprime assim a aspiração mais profunda de todo ser humano, que só Jesus é capaz de satisfazer. Tanto ele como Tomé ainda não haviam, contudo, reconhecido Jesus verdadeiramente de uma maneira nova e definitiva. A realidade atual também nos impõe esse desafio: saber que, em cada pessoa, habita o desejo mais profundo de Deus. Assim, precisamos de um conteúdo e um método que alcancem aqueles que têm sede de Deus, como a Samaritana à beira do poço de Jacó. A Iniciação à Vida Cristã deve ser um meio que ajude a cada pessoa a contemplar Deus como sentido último de sua existência. O anúncio de Jesus Cristo, unido ao testemunho, pode abrir o coração de muitos que estão à procura da verdade, a fim de que possam atingir o sentido da própria vida.

14. Aqui se faz necessário apontar dois verbos muito importantes para o evangelista João, *conhecer* e *permanecer*. Conhecer significa aceitar plenamente o amor de Deus experimentado em Cristo Jesus. Permanecer expressa a estabilidade dos dons da salvação dados por Jesus a todos os que creem. Deste modo, permanecer é o amor sponsal, um estado permanente do cristão que através de Jesus conhece o Pai e permanece neste amor. Cabe ao crente a capacidade de ater-se, firme e ativamente, a esse amor pela via da Palavra, dos Sacramentos e da Caridade, pois a nossa vocação é “permanecer” no Senhor.

15. Assim, “caminho”, “conhecer” e “permanecer” consistem em uma relação, que só a experiência pascal com o Cristo Ressuscitado pode nos oferecer. Jesus é a manifestação visível do Pai. Somente a fé pode descobrir e contemplar essa verdade. Essa verdade também é uma realidade palpável, pois se manifesta na própria pessoa de Jesus, em sua Palavra, nos Sacramentos, na Caridade e na relação cotidiana com seu corpo, a Igreja, cuidada e zelada pelos apóstolos que Ele deixou como cabeça dessa Igreja, os verdadeiros sucessores do seu modo de ser: pastor, profeta e servo.

16. A proposta de um *caminho* representa um novo olhar para o nosso processo de evangelização. Mais do que garantir Sacramentos, o caminho nos leva a um encontro único, pessoal, profundo e intransferível capaz de suscitar no catecúmeno ou catequizando um verdadeiro compromisso com a fé. E que caminho é esse? Onde ele se encontra?

17. A resposta nos foi dada pela própria Igreja por meio do Concílio Vaticano II, quando se percebeu a necessidade de recuperar o catecu-

18 *Iniciação à Vida Cristã*

menato, de forma a basear-se na forma de evangelizar dos primeiros cristãos, movidos pelo ardor missionário de uma experiência viva e concreta com o próprio Cristo.

18. A Iniciação à Vida Cristã é o caminho que, atenta aos sinais do nosso tempo, tanto conduz ao mistério amoroso do Pai quanto insere na comunidade eclesial aqueles que dizem 'sim' à fé, preparando-os para professar, celebrar, viver e testemunhar Jesus Cristo no Espírito Santo. (cf. Doc. CNBB 107, n. 61). A esse respeito, afirmou o Papa Francisco: "Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que 'da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído'. Quem arrisca, o Senhor não o desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada. Este é o momento para dizer a Jesus Cristo: 'Senhor, deixei-me enganar, de mil maneiras fugi do vosso amor, mas aqui estou novamente para renovar a minha aliança convosco. Preciso de Vós'" (EG, n. 3).

Começemos a partir Dele, Jesus Cristo, e tomemos a Iniciação à Vida Cristã como o nosso caminho para uma nova forma de evangelização.

19. Assim, queremos oferecer metodologicamente, nestas Diretrizes, a perspectiva da catequese de inspiração catecumenal pela via do caminho na perspectiva joanina. Desejamos, assim, uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã. Afinal, "conhecer a Jesus é o maior presente que uma pessoa pode receber, encontrá-lo é o melhor que pode acontecer em sua vida, para que assim Ele seja conhecido e amado em todo o mundo" (DAp, n. 29).

1.1 A Catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã

20. A transmissão da fé nos dias atuais tem sido um grande desafio para toda a Igreja. As demandas oriundas das diversas perspectivas de realidades enfrentadas nesse novo tempo exigem de nós um novo olhar acerca do processo de evangelização. A ideia de uma evangelização sacramentalista já não garante mais uma formação de fé volta-da para a autenticidade e para o chamado missionário, desfavorecendo assim, a experiência concreta de encontro com o mistério divino, que pelo testemunho próprio é capaz de promover o sentimento de

pertença para aqueles que já são membros da comunidade e de acolhimento para os recém-chegados.

21. Nesse sentido, durante muito tempo, vivemos a missão evangelizadora como um exercício familiar consistente. A fé era transmitida de geração em geração e auxiliada por uma ação catequética nos moldes escolares, que entregava ao fim do processo os desejados Sacramentos. Não há aqui uma negação aos frutos colhidos por meio desse modelo de evangelização. Precisamos, no entanto, estar atentos aos sinais do nosso tempo e aproveitar os desafios como oportunidades para repensar a forma de evangelizar. Como nos exorta a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: “O Povo de Deus, movido pela fé com que acredita ser conduzido pelo Espírito do Senhor, o qual enche o universo, esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e aspirações, em que participa juntamente com os homens de hoje, quais são os verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus. A fé ilumina todas as coisas com uma luz nova e faz conhecer o desígnio divino acerca da vocação integral do homem e, dessa forma, orienta o espírito para soluções plenamente humanas” (n. 11).

22. Com a força do Espírito Santo de Deus, nutrido de uma fé capaz de iluminar o caminho pelo qual o povo de Deus perpassa, esforçamo-nos por entender e por conhecer tudo aquilo que está presente em nossa realidade, no nosso dia a dia. Desse modo, tornou-se necessário refletir sobre aquilo que compreendemos como fé, a quem e como estamos educando na fé.

23. Assim, a Igreja no Brasil tem-se preocupado e tem realizado um grande esforço para que, em todas as dioceses, faça-se um processo de passagem de uma catequese que não seja apenas a preparação para um evento social-sacramental, para uma catequese que leve as pessoas ao discipulado de Jesus Cristo. Deste modo, é importante que: “toda a catequese preste uma especial atenção à ‘via da beleza’ Anunciar Cristo significa mostrar que crer n’Ele e segui-Lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida dum novo esplendor e duma alegria profunda, mesmo no meio das provações” (EG, n. 167).

24. À luz da Exortação Apostólica do Papa Francisco (EG, n.1, 14, 160), reconhece-se que a mudança de tempo que estamos vivendo exige revertermos o nosso modo de evangelizar, que seja marcado pela alegria e pela possibilidade de indicar novos rumos para caminhada da Igreja.

20 *Iniciação à Vida Cristã*

Isso posto, “é urgente a revisão de transmissão da fé. É um desafio que interpela a todos e se realiza, fundamentalmente, em três âmbitos: da pastoral ordinária, dos batizados que não vivem as exigências do Batismo e daqueles que não conhecem ou recusam o Evangelho. Tal proposta implica tomar a sério cada pessoa e o projeto que Deus tem para ela” (Doc. CNBB 107, n.1).

25. À medida que compreendemos a proposta, percebemos que a fé é o fruto colhido do encontro entre a graça de Deus e o mistério da liberdade humana, o que para a Iniciação à Vida Cristã se manifesta na ação interior e transformante realizada por Deus, de forma livre e gratuita⁴. Uma vez que nos abrimos a esta ação, somos convidados a dividir com o outro a graça experimentada. Assim, “chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?” (EG, n. 8).

26. Por essa razão, a Igreja no Brasil abre-se ao pedido feito pelo Papa São João XXIII na convocação do Concílio Vaticano II, de que a doutrina cristã seja guardada e ensinada de forma mais eficaz. Daí o convite a uma catequese que esteja a serviço da Iniciação Cristã, resgatando por meio da inspiração catecumenal, um mergulho profundo no mistério do amor de Deus. O processo catequético deixa de formar adeptos de uma religiosidade e passa a formar discípulos missionários, que ao terem Cristo como centro de sua fé, passam a ser mais que seguidores. Revestidos de uma vida nova, a pessoa vive d’Ele, é capaz de testemunhar sua fé e acompanhar novos iniciados, de maneira a criar assim uma comunidade discipular.

27. A catequese de IVC, portanto, terá como meta colaborar para que a pessoa se torne autêntico cristão, consciente de sua fé e união com Cristo, num processo contínuo de conversão e participando da comunidade dos seguidores de Jesus. Por meio de uma catequese mais bíblica e vivencial, o catequizando ou catecúmeno terá o auxílio necessário para se firmar na fé cristã e continuar caminhando e vivendo em comunidade. Assim, a adesão pessoal a Jesus Cristo o levará a uma melhor compreensão do mistério celebrado.

⁴ Comissão Episcopal Pastoral para Animação Bíblico-Catequética, *Itinerário Catequético*, p. 41.

28. Nessa perspectiva do encontro com Jesus e do processo de discipulado que inicia com esse encontro, a catequese ocupa lugar por excelência. O catequista exerce uma missão fundamental na catequese de iniciação, porém não cabe somente a ele este papel, devendo o presbítero promover um correto projeto de Iniciação Cristã, sensibilizando toda a comunidade paroquial para a importância de se apoiar, assumir e colaborar no processo. Logo, a comunidade, como integrante do processo, deve estar preparada para acolher os novos iniciados e reiniciados na vida cristã, favorecendo o seu crescimento na fé. Todos unidos pelo anúncio, testemunho e vivência do Evangelho com autenticidade, fidelidade e alegria.

29. Enfim, “a catequese de inspiração catecumenal traz consigo importantes consequências para a ação evangelizadora. Requer uma série de atitudes: acolhida, diálogo, partilha, escuta da Palavra de Deus e adesão à vida comunitária. Implica estruturas eclesiais apropriadas, nos mais diversos lugares e ambientes, sempre disponíveis a acolher, apresentar Jesus Cristo e dar as razões da nossa esperança (1Pd 3,15). Pressupõe, por fim, um perfil de catequista/evangelizador, ponte entre o coração que busca descobrir ou redescobrir Jesus Cristo e Seu seguimento na comunidade de irmãos, em atitudes coerentes e na missão de colaborar na edificação do Reino de Deus” (DGAE 2015-2019, n. 45).

1.1.1 *Fundamento da Catequese de IVC*

30. O Diretório para Catequese (n. 60) define a catequese “como um anúncio da fé que não pode outra coisa senão se relacionar, mesmo que em semente, com todas as dimensões da vida humana”. Logo, o fundamento principal da catequese é o anúncio de Jesus Cristo por meio do anúncio da Palavra de Deus. Nesta perspectiva, a Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* afirmou: “Deseja-se acentuar, antes de mais nada, que no centro da catequese encontramos essencialmente uma Pessoa: a Pessoa de Jesus de Nazaré, ‘Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade’, que sofreu e morreu por nós, e que agora, ressuscitado, vive conosco para sempre. Este mesmo Jesus que é ‘o Caminho, a Verdade e a Vida’, e a vida cristã consiste em seguir a Cristo, ‘sequela Christi’ [...] Nesse sentido, a finalidade definitiva da catequese é a de fazer que alguém se ponha, não apenas em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo: somente Ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade” (CT, n.5).

22 *Iniciação à Vida Cristã*

Ressalta-se que esse anúncio é contínuo e deverá estar presente em cada etapa da catequese. Na relação entre a Palavra de Deus e o anúncio, resgata-se a inspiração catecumenal e estabelece-se o Querigma como fio condutor de todo o processo e, em especial, como porta de entrada do caminho de Iniciação à Vida Cristã.

31. O Querigma, ou primeiro anúncio, ponto inicial deste caminho, tem como intuito provocar o despertar da fé, levando o candidato ou simpatizante a experimentar o amor de Deus manifestado em Jesus Cristo e abrindo-se a uma nova vida: “Voltamos a descobrir que também na catequese tem um papel fundamental o primeiro anúncio ou *querigma*, que deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial. O *querigma* é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai. Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: ‘Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar’. Ao designar-se como ‘primeiro’ este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, duma forma ou doutra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos. Por isso, também ‘o sacerdote, como a Igreja, deve crescer na consciência da sua permanente necessidade de ser evangelizado’” (EG, n. 164).

32. É justo que a catequese, consciente de sua missão evangelizadora, seja anunciadora primeiro do amor de Deus e do Evangelho. A missão do catequista é evangelizar pelo anúncio de Jesus Cristo e por meio do testemunho de sua fé através do seu amor para com os catequizandos, ajudando-os a viver a experiência do discipulado. Tudo parte do querigma, por isso, “nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio. Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do *querigma* que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, e permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano. A centralidade do *querigma* requer certas características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte: que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não imponha a

verdade, mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isso exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena” (EG, n. 165).

33. Como um caminho, a catequese de IVC não se configura por etapas fechadas e distintas. Não é um círculo fechado de começo e fim, mas uma espiral progressiva e contínua. A inspiração catecumenal é a rota a ser seguida por etapas interligadas, que geram um caminho de assimilação da identidade cristã, consciência de estar incorporado a Cristo e participante de sua missão na igreja e no mundo. Por esta via, a catequese assume uma iniciação também mistagógica, “que significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da Iniciação Cristã” (EG, n. 166).

34. O que alimenta e o que fortalece os que se põem a caminho é o encontro com Jesus na sua Palavra. Na catequese, a Palavra de Deus é fundamental para encontrar, renovar e aumentar o desejo de caminhar com o Mestre. A Iniciação à Vida Cristã e a Palavra de Deus estão profundamente ligadas neste caminho catequético (cf. DGAE 2015-2019, n. 47). Nesse sentido, o encontro catequético, alinhado à Palavra de Deus, “precisa sempre duma ambientação adequada e duma motivação atraente, do uso de símbolos eloquentes, da sua inserção num amplo processo de crescimento e da integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta” (EG, n. 166).

35. Para que a escuta seja conduzida conforme a Palavra de Deus, é necessária a Leitura Orante da Bíblia como instrumento que sustenta o caminho da IVC. Podemos falar da mistagogia a partir da Leitura Orante da Bíblia, pois ela nos permite um encontro com o mistério por trás da palavra que se escuta ou que se lê: “não ardia nosso coração quando ele nos falava das escrituras” (Lc 24,32). Em vista disso, “o estudo da Sagrada Escritura deve ser uma porta aberta para todos os crentes. É fundamental que a Palavra revelada fecunde radicalmente a catequese e todos os esforços para transmitir a fé. A evangelização requer a familiaridade com a Palavra de Deus, e isso exige que as dioceses, paróquias e todos os grupos católicos proponham um estudo sério e perseverante da Bíblia e promovam igualmente a sua leitura orante pessoal e comunitária. Nós não procuramos Deus tateando, nem

precisamos de esperar que Ele nos dirija a palavra, porque realmente 'Deus falou, já não é o grande desconhecido, mas mostrou-se a si mesmo'. Acolhamos o tesouro sublime da Palavra revelada!" (EG, n. 175)

36. Por meio destes fundamentos da catequese de IVC, aqueles que se dispõem a seguir Jesus Cristo, entram num processo de discipulado assumindo um projeto de vida que vai gradativamente assimilando os valores do evangelho, atuando na Igreja e na sociedade, testemunhando que "já não sou eu que vivo é Cristo que vive em mim" (Gl 2,20). Deste modo, o caminho da IVC tem como meta gerar no discípulo uma autêntica identificação com Jesus Cristo, pois "o discípulo é alguém chamado por Jesus Cristo para com ele conviver, participar de sua Vida, unir-se à sua Pessoa e aderir à sua missão, colaborando com ela. Entrega, assim, sua liberdade a Jesus, Caminho, Verdade e Vida; assume 'o estilo de vida do próprio Jesus', a saber, um amor incondicional, solidário, acolhedor até a doação da própria vida; e compartilha do destino do Mestre de Nazaré. Como não podemos separar Jesus de sua missão salvífica, também não podemos conceber um cristão que não colabora no anúncio e na realização do Reino de Deus na história humana" (DGAE 2008-2010, n. 57).

1.2 A unidade dos Sacramentos da Iniciação à Vida Cristã

37. A organização da catequese outrora, sem um plano pedagógico que contemplasse a Iniciação à Vida Cristã, levou a uma compreensão isolada dos Sacramentos. Além disso, valorizava-se mais a catequese numa perspectiva sacramental, carente de uma participação na vida eclesial e de um compromisso social.

38. A unidade dos Sacramentos da Iniciação Cristã concede ao cristão estar configurado ao mistério Pascal de Cristo, por isso o RICA, n. 146, os chama de "Sacramentos Pascais", bem como o Diretório para Catequese apresenta: "Os Sacramentos da Iniciação Cristã constituem uma unidade porque 'põem os alicerces da vida cristã: os fiéis, renascidos pelo Batismo, são fortalecidos pela Confirmação e alimentados pela Eucaristia'. É importante reiterar que, de fato, 'somos batizados e crismados em ordem à Eucaristia. Esse dado implica o compromisso de favorecer na ação pastoral uma compreensão mais unitária do percurso de iniciação cristã'. É oportuno, portanto, avaliar e considerar a ordem teológica dos Sacramentos – Batismo, Confirmação, Eucaristia – para 'verificar qual é a prática que melhor pode, efetivamente, ajudar os fiéis a colocarem no centro o Sacramento da Eucaristia, como realidade para qual tende toda iniciação'" (n. 70).

39. Temos assim que o Batismo, porta da Vida no Espírito, introduz a pessoa no mistério da morte e ressurreição de Jesus, bem como na vida da Igreja, de maneira a torná-la membro do povo de Deus. Pelo Batismo, o cristão recebe o perdão dos pecados e renasce para uma vida nova, assumindo a filiação divina e iniciando o caminho do discípulo (cf. RICA n. 2).⁵

40. No Sacramento da Crisma, o batizado é confirmado no seu Batismo e recebe os dons do Espírito Santo. Dessa forma, ele identifica-se não somente com o ser de Jesus, mas também com o seu agir e torna-se configurado a Cristo pela força do Espírito Santo. Assim, pelo Batismo e Confirmação, realizados uma única vez, de forma irrevogável, é impresso um caráter indelével e o iniciado permanece para sempre configurado ao Senhor e repleto do Espírito Santo, para levar o Corpo de Cristo, o quanto antes à plenitude, dando testemunho dele no mundo (cf. RICA, n. 2).

41. Na Eucaristia, conclusão da iniciação, o iniciado pelo Batismo, incorporado à comunidade eclesial, participa do memorial do único sacrifício de Cristo e se oferece ao Pai para ser, na força de Cristo que o alimenta, uma oferenda de vida ao mundo. Assim, “finalmente, participando do sacrifício eucarístico, comem da carne e bebem do sangue do Filho do homem, e assim recebem a vida eterna e exprimem a unidade do povo de Deus, oferecendo-se com Cristo, tomam parte no sacrifício universal, no qual toda a cidade redimida é oferecida a Deus pelo Sumo Sacerdote; e ainda suplicam que, pela abundante efusão do Espírito Santo, possa todo o gênero humano atingir a unidade da família de Deus” (RICA n. 2).

42. A unidade desses três Sacramentos tem como meta consolidar a identidade do ser cristão e capacitá-lo para assumir e cumprir sua missão na Igreja e no mundo (cf. RICA, n 2). Por isso, é importante superar a visão fragmentada desses Sacramentos.

43. Reitera-se aqui um importante ponto: para catecúmenos (não batizados), sejam oferecidos os Sacramentos (Batismo, Crisma, Eucaristia) na mesma celebração, seguindo o Ritual da Iniciação à Vida Cristã de Adultos, sendo a Vigília Pascal a celebração propícia para esse mo-

⁵ Para Batismo de criança e adolescente utilizar o rito do capítulo V do RICA e para o Batismo de adultos utilizar o rito do capítulo I do RICA.

mento. Caso não seja possível, estabeleça-se outra data em comunhão com o bispo diocesano.⁶

1.3 Os Ministérios da Iniciação à Vida Cristã

1.3.1 Bispo

44. A Iniciação à Vida Cristã é uma prioridade pastoral fundamental, sendo o arcebispo e seus auxiliares os primeiros responsáveis por garantir sua fidelidade ao itinerário catecumenal (cf. Doc. CNBB 107, n. 246). Cabe-lhes promover a unidade e a comunhão na Arquidiocese, assegurando que a IVC seja vivida como um verdadeiro processo de discipulado, conduzindo os fiéis a uma experiência autêntica de fé e missão (cf. Doc. CNBB 107, n. 227; DAp, n. 276).

45. Em seu ministério, devem animar e formar presbíteros, diáconos, catequistas e agentes pastorais, garantindo que a evangelização e a catequese tenham caráter mistagógico e sejam integradas à vida da comunidade cristã (cf. Doc. CNBB 107, n. 252). Além disso, são chamados a impulsionar a IVC como eixo estruturante da evangelização, oferecendo diretrizes claras para sua aplicação e fortalecendo uma cultura de discipulado missionário (cf. Doc. CNBB 107, n. 227; DAp n. 229-232).

46. Por meio do testemunho de comunhão e pastoreio, o arcebispo e seus auxiliares devem conduzir a Igreja particular a um encontro cada vez mais profundo com Cristo, garantindo que a IVC seja um caminho eficaz de conversão, maturidade na fé e compromisso missionário (Doc. CNBB 107, n. 227). Desta forma, caminhando em unidade e assumindo o que a Igreja no Brasil indica, a Arquidiocese de Goiânia, por decisão da Assembleia Arquidiocesana, escolheu orientar toda sua catequese segundo a inspiração catecumenal da Iniciação à Vida Cristã.

1.3.2 Presbítero

47. A Iniciação à Vida Cristã é um itinerário que forma discípulos missionários, exigindo o envolvimento de toda a comunidade e, de modo especial, do pároco. Ele é o primeiro responsável por garantir que a iniciação seja bem estruturada, animando a comunidade e formando catequistas (cf. Doc. CNBB 107, n. 230).

⁶ Não é obrigatório a celebração dos Sacramentos de IVC na Vigília Pascal.

48. Como ministro da Palavra, o presbítero deve favorecer uma catequese inspirada no catecumenato, que vá além da transmissão de conteúdos e promova um encontro pessoal com Cristo. Além disso, sua missão concretiza-se nos Sacramentos da Iniciação Cristã, especialmente no Batismo e na Eucaristia, garantindo que sejam celebrados com profundidade e conduzindo os fiéis a uma vivência madura da fé (cf. Doc. CNBB 107, n. 250).

49. A comunidade deve ser um espaço de acolhida, em que o presbítero, como pastor próximo, motive os iniciandos a viverem em comunhão e missão (Doc. CNBB 107, n. 253; DAp 156). No contexto da Arquidiocese de Goiânia, ele é chamado a ser um guia espiritual que, inspirado pelo Evangelho e pelas diretrizes da Igreja, conduz os fiéis a uma experiência autêntica de discipulado e compromisso com a Igreja.

50. Assim, de maneira prática, podemos elencar a missão do presbítero em relação à IVC da seguinte forma:

- a – **Pastor e animador da Comunidade Paroquial:** o presbítero tem a missão de incentivar uma catequese que vá além da mera transmissão de conteúdo, de forma a promover um itinerário de fé baseado na experiência com Cristo e na inserção na comunidade eclesial.
- b – **Formador de Catequistas:** o presbítero tem a missão de formá-los a partir das Diretrizes Arquidiocesanas de IVC, acompanhá-los e incentivá-los, de maneira a assegurar que estejam bem-preparados teológica e pastoralmente. Ele deve promover encontros formativos regulares e motivar os catequistas a viverem a própria fé de forma madura.
- c – **Liturgia como espaço de iniciação:** o presbítero deve garantir que as celebrações litúrgicas estejam integradas ao itinerário catecumenal. Isso inclui o seguinte: ritos próprios de cada etapa da iniciação (ex.: entrega do Símbolo da Fé, ritos de eleição, escrutínios, unção com óleo dos catecúmenos); celebrações que favoreçam uma experiência mistagógica dos Sacramentos; homilias que ajudem os fiéis a compreenderem sua vida cristã à luz da Palavra de Deus e da vivência sacramental.
- d – **Acompanhamento dos catecúmenos e catequizandos:** o presbítero deve valorizar o contato pessoal com aqueles que estão no processo de iniciação para fortalecer o sentido de pertença à Igreja.

- e – Integração da Iniciação à Vida Cristã com a vida comunitária:** o presbítero deve garantir que aqueles que estão sendo iniciados sejam introduzidos nas diversas dimensões da vida comunitária; inserção em pastorais, ministérios e serviços na paróquia; convívio fraterno e compromisso missionário; experiência de oração e vida espiritual.
- f – Discernimento vocacional:** o presbítero, como pai espiritual, deve estar atento para ajudar os jovens e adultos a discernirem sua vocação no seio da sociedade e da comunidade cristã, apresentando as diferentes expressões da vida leiga, especialmente o Matrimônio, da vida consagrada em toda sua riqueza de opções e do ministério ordenado.
- g – Testemunho pessoal e vida de oração:** por fim, a missão do presbítero na Iniciação Cristã passa, sobretudo, pelo testemunho de vida e pela centralidade na oração. Seu amor pela Palavra de Deus, pelos Sacramentos e pela comunidade é o que realmente inspira os catequistas e catequizandos a seguirem o caminho da fé.

Assim, o presbítero não é apenas um administrador sacramental, mas um pai, formador e guia espiritual, conduzindo a comunidade a viver um verdadeiro processo de Iniciação Cristã.

1.3.3 *Diáconos*

51. Os diáconos permanentes, assim como os presbíteros, devem participar ativamente no processo de Iniciação à Vida Cristã, de maneira a prover contribuições específicas aos itinerários de iniciação, conforme a orientação do RICA: “onde houver diáconos, recorra-se à sua ajuda. Se a Conferência Episcopal julgar oportuno instituir diáconos permanentes, providenciará que sejam em número conveniente, de modo que, em todos os lugares onde as necessidades pastorais o exigirem, possa haver todos os degraus, tempos e exercícios do catecumenato” (n. 47).

1.3.4 *Introdutores*

52. Quem é o Introdutor? “O Candidato que solicita sua admissão entre os catecúmenos e/ou catequizando, é acompanhado por um introdutor homem ou mulher, que conhece, ajuda e é testemunha de

seus costumes, fé e desejo” (RICA n. 42), ou seja, o Introdutor é um acompanhante. Ele é sem dúvida aquele que auxiliará o candidato com o querigma. Este papel do Introdutor será necessário para aqueles (adultos) que procuram a paróquia ou a catequese no decorrer do ano, tendo iniciado ou não as turmas de catequese. Atenção especial, deverá ter o introdutor para com aqueles que vierem de outras crenças ou religiões, catecúmenos ou batizados, que desejam participar da Igreja Católica, ser catequizado e receber os Sacramentos de Iniciação à Vida Cristã.

53. Quanto à missão dos introdutores, vale a pena destacar o cuidado de um acompanhamento personalizado que oriente nos primeiros passos dos que desejam aproximar-se da fé cristã; a formação bíblica e doutrinal; e serem verdadeiros companheiros dos iniciandos (cf. Doc.107, n. 160).

54. O momento de acolher não é o momento de dar catequese e nem de ensinar a doutrina. O Introdutor precisa conhecer a doutrina da Igreja, mas acima de tudo, conhecer a Bíblia enquanto Palavra de Deus. Iluminado pela afirmação do Papa Bento XVI de que o cristianismo é a adesão a uma Pessoa que transforma a vida, e não a um conjunto de doutrinas (cf. DCE, n. 1), o acolhimento na fé deve priorizar a apresentação dessa Pessoa viva, encontrada nas Sagradas Escrituras, uma vez que, catequese e doutrina não são o ponto de partida, mas sim consequências naturais do encontro pessoal com Cristo.

55. Assim, o Introdutor vai ser o porta voz do querigma, o anunciador, aquele que é capaz de interpelar e motivar a vida daquela pessoa que está inclinando-se a abraçar a fé cristã. Por esta razão, é necessário que o Introdutor tenha uma formação bíblica, doutrinal, sensibilidade para ser companheiro e estar presente na vida da pessoa. Que saiba estar ao lado, disposto em ajudar o candidato a tomar conhecimento da comunidade. Portanto, deve ser alguém que conhece a comunidade e, para além disso, tem experiência frutífera de vida de comunidade.

O perfil do Introdutor

56. O Introdutor assemelha-se ao orientador espiritual, escuta atentamente, sabe aconselhar, animar e testemunhar a vivência cristã na comunidade. Participa de pastoral ou movimento eclesial. No entanto, não vê sua pastoral ou seu movimento como uma igreja independente, e sim, abraça o projeto da Igreja como ação evangelizadora. O

30 *Iniciação à Vida Cristã*

Introdutor é o responsável por apresentar o querigma e o Catequista por aprofundar na fé. Assim, ele é responsável pelo anúncio que fará com que as pessoas tenham o coração aquecido ao ouvir falar de Jesus Cristo.

57. Todo membro da comunidade paroquial que tenha vida de oração, conhecimento da Bíblia, ame e testemunhe Jesus Cristo, pode ser chamado a ser Introdutor. A missão dele será *estreitar os laços* do candidato com a comunidade e dar segurança a ele para dar início à caminhada cristã. O acompanhamento do Introdutor tem por finalidade: favorecer a atuação do Espírito Santo, que realiza a iniciação da pessoa na vida de Cristo e da Igreja; ajudar na compreensão do Evangelho e na adesão à Pessoa de Jesus Cristo; estimular a pessoa no processo de conversão e vivência do Evangelho; clarear, motivar e orientar a leitura bíblica e oração pessoal; promover um acompanhamento espiritual; enfim, estar à disposição da pessoa em seu desejo de conhecer a fé e a comunidade eclesial.

58. Inspirados na convicção de que o cristianismo nasce do encontro pessoal com Cristo, os momentos com o Introdutor devem focar em testemunhar e aprofundar essa adesão viva. O cerne da conversa é a vida da pessoa acompanhada: incentivá-la a falar de si mesma, de suas experiências religiosas, e a partilhar seus desejos, esperanças, alegrias, dores e lutas. A partir desse fundamento pessoal, o diálogo avança para a figura central de Jesus e Seu Reino, revisando como a fé tem sido vivida no dia a dia e acompanhando a caminhada de oração pessoal e a leitura bíblica.

59. A tarefa do introdutor termina quando o iniciado deixa de ser acompanhado de forma personalizada e passa para um grupo maior dos iniciados, aos cuidados do catequista. Ainda que sua tarefa esteja finalizada, o introdutor não deve cortar os laços com o iniciado e sua família. Afinal, ele foi um importante promotor de vínculo entre o iniciado e a comunidade.

60. Neste acompanhamento pessoal, o papel dos introdutores pode ser iluminado pelas palavras do Papa Francisco: “Hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito, para no meio de todos defender as ovelhas a nós confiadas dos lobos que tentam desgarrar o rebanho. Precisamos de nos exercitar

na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. Escutar ajuda-nos a individualizar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cómoda condição de espectadores. Só a partir desta escuta respeitosa e compassiva é que se pode encontrar os caminhos para um crescimento genuíno, despertar o desejo do ideal cristão, o anseio de corresponder plenamente ao amor de Deus e o anelo de desenvolver o melhor de quanto Deus semeou na nossa própria vida. [...] Para se chegar a um estado de maturidade, isto é, para que as pessoas sejam capazes de decisões verdadeiramente livres e responsáveis, é preciso dar tempo ao tempo, com uma paciência imensa. Como dizia o Beato Pedro Fabro: 'O tempo é o mensageiro de Deus'" (EG, n. 171).

61. Por fim, o Introdutor é aquele amigo que conversa particularmente com o iniciado, escuta sua história de vida, seus anseios e projetos. Também o ajuda a dar os primeiros passos na vida de comunidade e o acompanha no crescimento de sua vida de oração. É alguém próximo que escuta, acompanha e testemunha a grandeza e a força da fé na vida de uma pessoa.

62. É bom que cada paróquia identifique e reúna leigos e leigas que possam atuar como Introdutores. Afinal, a figura do Introdutor tem importante valor dentro do processo de IVC. As paróquias não se sintam, porém, impedidas em iniciar seus catecúmenos ou catequizandos na falta deste agente. Sugere-se, nesse caso, que se formem pequenos grupos entre os catequistas e/ou membros de outros pastorais e movimentos que possam auxiliar nesse acolhimento.

1.3.5 Padrinhos/Madrinhas de Batismo e de Crisma

63. Na caminhada de Iniciação à Vida Cristã, os padrinhos e madrinhas desempenham um papel muito importante, escolhidos não apenas por laços afetivos, mas pelo testemunho de fé e compromisso com o Evangelho. Mais do que uma formalidade, essa missão exige acompanhamento próximo, apoio nas dúvidas e incentivo à perseverança na fé. Por isso, a Igreja estabelece critérios específicos para sua escolha, conforme o Código de Direito Canônico, de maneira a garantir que sejam verdadeiros modelos de vida cristã. Além disso, reforça-se que a missão deles deve ser assumida também por toda a comunidade eclesial, fortalecendo o sentido de pertença e continuidade da vida sacramental.

32 *Iniciação à Vida Cristã*



64. Com relação aos padrinhos e madrinhas dos catecúmenos, segundo o RICA, temos as seguintes orientações: “o padrinho, escolhido pelo catecúmeno em razão do exemplo, das qualidades e da amizade que nele encontra, representa a comunidade cristã local, e, aprovado pelo sacerdote, acompanha o candidato no dia da eleição, na celebração dos Sacramentos e durante o tempo da mistagogia. Compete-lhe mostrar ao catecúmeno, de modo familiar, a prática do Evangelho na vida particular e na convivência social, ajudá-lo nas suas dúvidas e inquietações, dar testemunho acerca dele e velar pelo crescimento da sua vida batismal” (n. 43).⁷

65. Esse deve ser escolhido dentro da comunidade cristã, desde que dê testemunho da fé do candidato e o acompanhe, após o Sacramento, cuidando da sua perseverança na fé e na vida cristã. Portanto, é de grande importância, desde o início do processo catequético apresentar aos catecúmenos/catequizandos e responsáveis os critérios sobre os padrinhos.

66. A dificuldade de encontrar alguém dentro dos laços familiares que atendam aos requisitos necessários pode levar o candidato a escolher alguém da comunidade cristã, podendo este inclusive ser o introdutor ou o catequista. Lembrando que, a missão de padrinhos e madrinhas deve ser um exercício praticado por toda comunidade eclesial. Com relação a escolha dos padrinhos/madrinhas de Batismo, deve-se observar os critérios exigidos pela Igreja⁸, em conformidade com o Código de Direito Canônico (cf. Cânones 873-874). A saber:

I – A Igreja admite que seja um padrinho ou uma madrinha; ou também um padrinho e uma madrinha (cf. Cân. 873);

II – Seguem as exigências para que alguém possa assumir a missão de padrinho:

1^a. Seja escolhido pelo próprio catecúmeno ou pelos pais ou por quem faz as vezes destes ou, na falta deles, pelo pároco ou ministro (cf. Cân. 874, §, n. 1);

2^a. Tenha aptidão e intenção de desempenhar esta missão (cf. Cân. 874, § 1º, I);

⁷ Em se tratando de Catecúmenos é obrigatória a escolha do padrinho, uma vez que serão batizados. Já para os catequizandos, o pároco pode usar de solicitude pastoral.

⁸ Ver também Documento Pós-Sinodal da Arquidiocese de Goiânia – Parte III – n. 33.

3ª. Tenha completado dezesseis anos de idade, a não ser que outra idade tenha sido determinada pelo Bispo diocesano; ou, por justa causa, parecer ao pároco ou ao ministro admitir-se exceção (cf. Cân. 874, § 1, II);

4ª. Seja católico, tenha sido confirmado (crismado) e tenha recebido a Santíssima Eucaristia, e leve uma vida em conformidade com a fé e a missão que vai desempenhar (cf. Cân. 874, §1, III);

5ª. Não se exige certidão de Batismo nem de Crisma para ser padrinho ou madrinha de ambos os sacramentos; basta ter a certeza moral de que a pessoa recebeu esses Sacramentos;

6ª. Não tenha nenhum impedimento por alguma pena canônica legitimamente aplicada ou declarada (cf. Cân. 874, § 1, IV);

7ª. Não pode ser o pai ou a mãe do batizando (cf. Cân. 874, §1, V);

8ª. Será apenas testemunha do Batismo, se for um(a) fiel batizado(a) pertencente a uma comunidade eclesial não católica e só será admitido juntamente com um padrinho católico ou com uma madrinha católica (cf. Cân. 874, §2);

67. Em se tratando de padrinho ou madrinha de Crisma, é importante lembrar o que o Código de Direito Canônico orienta: “Ao confirmando, quando possível, assista um padrinho, cujo múnus é procurar que o confirmado proceda como verdadeira testemunha de Cristo e cumpra fielmente as obrigações inerentes a esse Sacramento” (Cân. 892). Quanto aos critérios ou as condições para que uma pessoa possa assumir a missão de padrinho, o Código remete às mesmas condições para os padrinhos de Batismo, conforme reza o Cân. 874.

68. Além desses critérios canônicos, de acordo com o RICA, é imprescindível que um adulto a ser batizado tenha um padrinho ou madrinha, escolhido entre os membros da comunidade cristã. Mesmo que o adulto já tenha convicção de sua fé, o padrinho ou madrinha desempenha um papel crucial, acompanhando-o na preparação final para o Sacramento e zelando por sua perseverança na fé e na vida cristã (cf. n. 8). Desse modo, o RICA reitera os critérios canônicos, amplia a compreensão da missão dos padrinhos e apresenta também algumas exigências na escolha deles:

1ª. Que sejam escolhidos padrinhos que estejam inseridos na comunidade cristã, sendo pessoas que testemunhem a fé, participem ativamente

34 *Iniciação à Vida Cristã*

da vida da Igreja e estejam dispostas a acompanhar o catecúmeno ou candidato à confirmação em sua caminhada cristã.

2ª. Que os padrinhos sejam apresentados desde o início do processo catecumenal. A escolha do padrinho não deve ser apenas para o momento da celebração dos Sacramentos, mas para todo o percurso da iniciação, garantindo um acompanhamento mais próximo e contínuo.

3ª. Que o papel do padrinho ou madrinha não se limite ao rito sacramental, mas inclua um compromisso de apoio e acompanhamento após os Sacramentos, auxiliando o afilhado na vivência cristã.

4ª. Podem ser catequistas ou introdutores, se não houver na família alguém que atenda aos critérios necessários. O catequista ou outra pessoa da comunidade pode ser escolhido como padrinho, reforçando a dimensão comunitária da Iniciação Cristã.

5ª. Devem ser um exemplo de vivência do Evangelho. O padrinho é chamado a ensinar, orientar e testemunhar a fé de forma concreta, tanto na dimensão pessoal quanto social da vida cristã. Se for casado, que seja no religioso.

69. Recomenda-se a prudência e a solicitude pastoral⁹, quando aparecer alguma pessoa convidada para ser padrinho e que não tenha sido crismada. Compete ao pároco acolher e averiguar se é uma pessoa participativa na paróquia ou não; além de orientá-la a iniciar a preparação para a crisma. Diante disso, considerando a disponibilidade da pessoa em fazer o itinerário catequético para receber o Sacramento da Crisma, abre-se a possibilidade para que o pároco admita para ser padrinho de Batismo, antes mesmo de ser crismada.

1.3.6 A Missão do Catequista

70. A missão de Catequista visa a expressar, da melhor maneira possível, a vocação batismal com acentuação do compromisso missionário, sem cair na clericalização. A Igreja reconhece a vocação do catequista, por isso mesmo, quis o Papa Francisco através do *Moto Proprio – Antiquum Ministerium* instituir o Ministério do Catequista, valorizando este indispensável serviço à evangelização. É um ministério que não se exprime, primordialmente, no âmbito litúrgico, mas no específico da transmissão da fé através do anúncio do Evangelho, centrado na Palavra de Deus.

⁹ Documento Pós-Sinodal – Parte III – Arquidiocese de Goiânia, n. 34.

71. É importante e necessário seguir critérios e etapas para que um(a) fiel leigo(a) assuma a missão de catequista, pois - como evangelizadores - supõe-se que o catequista tenha sido iniciado na vida cristã e eclesial. Além disso, é importante que a pessoa esteja aberta a fazer um caminho de formação específica para o exercício desta missão. Quanto à instituição do Ministério do Catequista as orientações e exigências estão no apêndice dois destas Diretrizes. Segundo o Papa Francisco: “ser catequista significa dar testemunho da fé; ser coerente na própria vida. E isto não é fácil. Não é fácil! Nós ajudamos, guiamos para chegarem ao encontro com Jesus através das palavras e da vida, através do testemunho”¹⁰.

72. Desse modo, os critérios para ser catequista vão além do modo doutrinal, existencial e prático. Aspectos como a vocação, a identidade, a espiritualidade e formação, engajamento missionário e pastoral, bem como a responsabilidade do Povo de Deus para com eles, nas condições atuais e do futuro imediato constituem o ser catequista. As qualidades que, identificam o perfil do catequista são:

1. No âmbito do Ser – Identidade do Catequista

- a** – Ser pessoa de fé autêntica, de assídua participação nos Sacramentos e que anseia crescer em santidade;
- b** – Ser pessoa de oração, de intimidade com o Mestre, de leitura e meditação diária da Palavra de Deus (DNC, n. 264);
- c** – Ser porta-voz da Igreja, anunciando o que ela diz e não o que ele acha;
- d** – Ser pessoa com equilíbrio psicológico e maturidade humana, capaz de relacionar-se e dialogar com o grupo de catequistas, catequizandos e demais envolvidos no processo catequético, criando comunhão (DNC, n. 263), sendo capaz de trabalhar em equipe;
- e** – Ser responsável, perseverante, constante e pontual;

¹⁰ Discurso do Papa Francisco aos catequistas vindos a Roma em peregrinação por ocasião do Ano da Fé e do Congresso Internacional de Catequese. 2013.

- f – Ser pessoa de espírito crítico para analisar as situações cotidianas buscando o bem-estar comum;
- g – Ser pessoa criativa, de iniciativa e ser aberta para acolher novas sugestões de quem chega.

2. No âmbito do Saber – Formação do Catequista

- a – Cultivar, constantemente, uma formação bíblica, teológica, litúrgica e mistagógica;
- b – Conhecer o Magistério da Igreja, seja o Catecismo da Igreja Católica e a Doutrina Social da Igreja;
- c – Conhecer as orientações gerais da ação evangelizadora da Igreja do Brasil e da Arquidiocese de Goiânia;
- d – Conhecer a pluralidade cultural, as mudanças sociais e as realidades à luz do Evangelho;
- e – Conhecer a pluralidade religiosa, valorizando o diálogo ecumênico e inter-religioso;
- f – Buscar orientações pedagógicas próprias do itinerário catequético.

3. No âmbito do Saber Fazer – A missão do Catequista

- a – Saber conduzir o grupo de catequizandos para desenvolvimento de várias potencialidades levando-os a um amadurecimento da fé;
- b – Conhecer seus catequizandos para efetivamente criar vínculos de fraternidade;
- c – Ser comunicativo com os catequizandos, utilizando os meios de comunicação disponíveis;
- d – Utilizar recursos pedagógicos na catequese, valorizando o método da Leitura Orante da Bíblia;
- e – Planejar os encontros, de modo a respeitar o Itinerário Pedagógico proposto nestas Diretrizes e a garantir a unidade com a nossa Arquidiocese.

73. Em virtude da importância do catequista na vida da Igreja, é fundamental que se definam critérios para a sua escolha. Sendo assim, em resposta aos anseios dos párocos, dos catequistas e das comunidades paroquiais, a Arquidiocese de Goiânia estabelece os seguintes critérios para quem é chamado a ser Catequista:

- a – Ser convidado e entrevistado pelo pároco para que o futuro catequista saiba que não estará sozinho e que sua missão está interligada à missão do pastor;
- b – Ter recebido os Sacramentos de Iniciação Cristã: Batismo, Crisma e Eucaristia;
- c – Ser maduro na fé;
- d – Ter vida sacramental e litúrgica, testemunhando, desta forma, a sua pertença e participação na comunidade;
- e – Ter recebido o Sacramento do Matrimônio, se constituiu família;
- f – Ter a catequese como prioridade e disponibilidade de tempo para participar das atividades da catequese, fazendo uma programação que priorize a formação, a preparação dos encontros catequéticos, a participação em reuniões e em celebrações litúrgicas;
- g – Cultivar o espírito de obediência e respeito às diretrizes referentes à catequese, tanto em âmbito da Igreja Universal, quanto da Arquidiocese de Goiânia;
- h – Ser acompanhado, formado e orientado por um catequista experiente e pela coordenação geral da catequese da paróquia;
- i – O catequista em formação deve iniciar sua missão, auxiliando outro catequista experiente.

74. É importante perceber a origem da palavra ministério, vinda do latim *ministerium*, cujo significado é serviço, posição, função particular e comunitária. Ministro é aquele que atua em nome da pessoa de sua confiança, de quem se conhece e respeita. O catequista atua em nome de Jesus Cristo, da sua fé n'Ele e da fé da Igreja. Essa função se insere na realidade maior da Igreja, pois, conforme afirma São Paulo, “há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo” (1 Cor 12,5), o

que significa que o ministério do Catequista, assim como o dos leitores e acólitos, entre outros, é um serviço distinto, mas essencial, que encontra sua unidade e autoridade no próprio Cristo.

75. Esses ministérios são preciosos para o crescimento da igreja e assim auxiliam o leigo a estar ainda mais próximo de Jesus Cristo. Os ministérios laicais têm assumido cada vez mais o seu compromisso como único e indispensável. É importante a referência à Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, que afirma: “Os leigos são antes de tudo chamados a tornar a Igreja presente e atuante nos lugares e circunstâncias em que ela não pode se tornar sal da terra a não ser por meio deles” (n. 33).

76. Os catequistas precisam ter a sensibilidade especial para encarnar o evangelho na vida concreta de cada catecúmeno ou catequizando. O Catequista é testemunha da fé, tem o desafio de despertar o entusiasmo pessoal de cada batizado, de reavivar a consciência do amor de Jesus Cristo em sua vida e de motivá-lo a participar da missão evangelizadora da Igreja. Além disso, é importante lembrar que os catequistas devem ter parte ativa nos ritos ao longo do itinerário catequético e procurem transmitir a doutrina da Igreja, impregnados do espírito evangélico, enriquecendo com a linguagem simbólica da liturgia de acordo com o tempo litúrgico, adaptando aos catecúmenos, respeitando as tradições locais (cf. RICA, n. 48).

77. Não é possível evangelizar sem a fé e o anúncio da Palavra de Deus, contida nas Sagradas Escrituras que é alma da evangelização (cf. DV, n. 24). Por isso, quem se coloca na missão da catequese deve ter consciência de ser um peregrino na fé, buscando o amadurecimento espiritual através de retiro espiritual e do cultivo de uma sólida espiritualidade de comunhão eclesial.

78. O Setor de Iniciação à Vida Cristã responsabilizar-se-á pela formação permanente de catequistas. Serão oferecidas formações presenciais e on-line que aproximem o saber e o fazer do catequista.

79. Por fim, é importante dizer que o ministério da catequese é uma missão, assim como está no RICA: “A missão de iniciar na fé coube, na Igreja antiga, à liturgia e à catequese. Ambas caminhavam de mãos dadas, intimamente unidas, em um processo chamado Iniciação à Vida Cristã, que tinha como centro a imersão no mistério de Cristo e de sua Igreja. Tudo acontecia em um clima de espiritualidade, oração,

celebrações e ritos, enfim, em um clima mistagógico. O segundo e mais longo tempo, o catecumenato, dentro do qual nasceu a catequese, passou a denominar todo o processo iniciático” (n. 70)

1.3.7 *Equipe de Celebrações*

80. A Iniciação à Vida Cristã dá-se numa íntima relação entre catequese e liturgia. O calendário da IVC é definido a partir do ano litúrgico, sendo necessário que as equipes de celebração (presbíteros, diáconos, catequistas) estejam atentas e conheçam o RICA para usá-lo, de maneira a serem feitas as adaptações necessárias.

81. As celebrações da Iniciação à Vida Cristã precisam ter valor expressivo, pois têm como finalidade afirmar a fé dos catecúmenos ou catequizandos para introduzi-los na oração cristã, iniciá-los nos sinais litúrgicos e prepará-los para o Sacramento. Portanto, precisam ser preparadas cuidadosamente por todos. Se possível, os rituais devem acontecer na presença da comunidade e das pessoas próximas aos catecúmenos e catequizandos.

82. A Iniciação à Vida Cristã é um processo fundamental na vida da Igreja, no qual os catecúmenos e os fiéis são inseridos progressivamente no Mistério Pascal de Cristo, mediante os Sacramentos do Batismo, Confirmação e Eucaristia. Para que essa jornada seja bem-sucedida, é essencial uma harmoniosa colaboração entre os catequistas e as equipes de celebrações.

83. As celebrações litúrgicas que marcam as etapas da IVC (como os Ritos de Entrada no Catecumenato, os Escrutínios, a Celebração dos Sacramentos, etc.) devem ser planejadas em conjunto, com antecedência. É importante que os catequistas e as equipes de celebração se reúnam para alinhar o significado teológico de cada rito; que as datas e horários sejam definidos em comum acordo, de forma a considerar a disponibilidade da comunidade e a preparação dos catecúmenos; que os símbolos, gestos e textos sejam escolhidos de forma a expressar claramente a progressão na fé.

84. É fundamental que os catequistas e as equipes de celebração conheçam os Ritos da Iniciação Cristã de Adultos previstos no RICA e suas adaptações para crianças e jovens, de maneira a garantir fidelidade à tradição da Igreja. É muito importante que os catequistas aprofundem com catecúmenos e catequizandos o sentido do mistério dos

ritos, para que participem ativa e conscientemente. Seja trabalhado, assim, em encontros anteriores, o rito a ser celebrado e os símbolos a serem utilizados.

85. A participação ativa da comunidade requer o envolvimento da assembleia nas celebrações, de modo a incentivar acolhida, oração e testemunho; o acompanhamento dos padrinhos e madrinhas dos catecúmenos e catequizandos também nas celebrações; a utilização de linguagem acessível e gestos significativos, para que todos compreendam a profundidade dos Sacramentos.

86. A acolhida e integração dos neófitos ou catequizados, depois da recepção dos Sacramentos, devem ser garantidas na comunidade, a fim de que participem da vida pastoral da comunidade. Para isso, é indicado promover celebrações de envio na conclusão da etapa da Mistagogia, incentivando o testemunho missionário.

87. Após cada etapa, catequistas e equipes de celebração devem avaliar e identificar o que transcorreu como desejado e o que pode ser melhorado. A coordenação de catequese deixará o pároco ciente dos itens avaliados. A sintonia entre catequese e liturgia é indispensável para que os fiéis vivam plenamente sua fé em Cristo na Igreja.

